

A SEMANA – 154

John Gledson

Os “problemas que nos assoberbam” e as “paixões que nos agitam” da primeira frase vêm a ser o problema do Rio Grande do Sul e do fim da guerra federalista, porque “em torno dessa questão gira hoje toda a nossa vida política”, como diz Ferreira de Araújo em “Cousas políticas”, sua respeitada coluna das segundas-feiras, no dia 6 de maio. O Rio Grande nunca foi um tema preferido de Machado, e nestas crônicas vê-se que se refere a ele o mínimo possível. Prefere o tom ligeiro, e as questões de língua são um pretexto admirável para seu humor delicado. A anedota final, sobre as moças brasileiras que fingiam uma vocação religiosa para sair para Portugal é admirável. Mas aqui novamente é a língua, ou o estilo, que o preocupa. “Pagos da cadeia” (se não for chavão legal, como diz o sempre precavido autor) é um ideal machadiano: “simples, forte e elegante”, mas sobretudo conciso.

Para ajudar a compreensão, reproduzimos todas as palavras escritas para exemplificar a sua ortografia, na ortografia do texto da *Gazeta* (isto é, sem acentos, etc.).



A SEMANA

12 de maio de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

No meio dos problemas que nos assoberbam e das paixões que nos agitam, era talvez ocasião de falar da escritura fonética. O fonetismo é um calmante. Há quem o defenda convencidamente, mas ninguém se apaixona a tal ponto, que chegue a perder as estribeiras. É um princípio em flor, uma aurora, um esboço que se completará algum dia, daqui a um século, ou antes. A Academia Francesa, bastilha ortográfica, ruirá com estrondo; os direitos do som, como os do homem, serão proclamados a todo o universo. A revolução estará feita. A tuberculose continuará a matar, mas os remédios virão da *farmacia*. Talvez haja um período de transição e luta, em que as escolas se definam só pelo nome; e a *farmacia* e a *pharmacia* defendam o valor das suas drogas pela tabuleta. *Ph* contra *f*. Virá aí um problema de pacificação, como o que temos no Sul, mas muito fácil; bastará restaurar por decreto a velha *botica*, vocábulo que só se pode escrever de um modo. Todos morrerão com a mesma tisana e pelo mesmo preço.

A América segue os passos da Europa, estudando estas matérias. Na do Norte, em New York, uma associação filológica propõe grandes alterações no inglês e no francês.¹ No francês acha que é bonito ou fonético escrever *demagog*, em vez de *demagogue*, e propõe que se substitua *gazette* por *gazet*. Nós aqui poderíamos adotar já este processo, escrevendo *cacet* – em vez de *cacette*; a economia será grande, quer se trate de gente viva, quer propriamente de pau. Quanto ao inglês, a associação de² New York converte o benefício em dólares, que é ainda mais fonético: “Milhões de dólares são gastos todos os anos em escritura e impressão de letras inúteis.” Enfim leio no *Jornal do Commercio* que a associação propôs já ao Congresso uma lei que obrigue os tipógrafos a se conformarem com alterações que ela indicará ou já indicou.

O mal que vejo nessa lei, se vier, é um só; é que os partidos possam adotar cada um o seu sistema. A eleição alterará as feições do impresso. Mas também isto pode ser vantajoso no futuro; as folhas, os anais, as leis, as proclamações, e finalmente os versos

¹ Não encontrei a fonte desta notícia.

² Falta esta palavra na *Gazeta*, erro já corrigido por Aurélio.

e romances, dirão pelo aspecto das palavras o período a que pertencem, auxiliando assim a história e a crítica.

As senhoras, enquanto não principia essa guerra de escritas, vivem em paz com ortografias e nações. Sabe-se que as herdeiras americanas fornecem duquesas às velhas famílias da Europa, casando com duques de verdade.³ Todas as nações daquele continente possuem belos exemplares da moça dos Estados Unidos. Há cerca de dois meses estavam para casar, ou já tinham casado, não sei que duque ou marquês da legação francesa com uma das belas herdeiras da América. Ora, como o amor tem uma só ortografia, pode a Associação Filológica de New York lutar com a Academia Francesa, para saber como se há de escrever *love* e *amour*; o⁴ jovem casal usará da única ortografia real e verdadeira.

Essa fascinação pela Europa é vezo de mulheres. Também há dois meses casou em Tóquio, Japão, um conde diplomata, encarregado de negócios da Áustria, com uma moça japonesa. Esta⁵ é fidalga; não foi pois o gosto do título que a levou ao consórcio; foi o amor, naturalmente, e logo o desejo da Europa. Era da religião búdica, fez-se católica romana. Não tardará que chegue a Viena, onde brilhará ao lado do esposo, por mais que a matem as saudades de Tóquio.

As moças brasileiras também gostam da Europa. Já desde o princípio do século XVIII morriam por ela, recitando de coração este verso, ainda não composto:

“Eu nunca vi Lisboa e tenho pena.”⁶

Lisboa era então, para esta colônia, toda a Europa. Tinham pena de não conhecer Lisboa; mas, como ir até lá, se os pais não podiam deixar o negócio.⁷ As moças eram

³ Foram muitas as herdeiras americanas que casaram com aristocratas europeus empobrecidos, ou que se achavam tais, dos anos 1860 em diante. Chegou a um auge na década de 1890: acabara de acontecer um dos casamentos mais famosos, o de Mary Leiter, que casou com Lord Curzon e chegou a ser vice-rainha da Índia, e em novembro o mais famoso de todos, o de Consuelo Vanderbilt com o duque de Marlborough. Não foi possível identificar nem o diplomata francês, nem o austríaco que casou com a moça japonesa.

⁴ Falta este artigo na *Gazeta*. Aurélio corrige.

⁵ Assim na *Gazeta*. Aurélio tem “Essa”.

⁶ Verso do poema “narrativo-sentimentalista” *D. Jaime* (1862), de Tomás Ribeiro (1831-1901), poeta português da segunda geração romântica, político e diplomata. Na sua crônica de 15 de setembro de 1862 para *O Futuro*, dirigido por Faustino Xavier de Novais, Machado saudou a chegada de *D. Jaime* pelo pacote: “O poema *D. Jaime* é realmente uma obra de elevado merecimento, e Tomás Ribeiro um poeta de largo alento; a sua musa é simultaneamente simples, terna, graciosa, épica, elegíaca (...)” Curiosamente, este mesmo Tomás Ribeiro daí a pouco viria ao Brasil como embaixador de Portugal, num momento especialmente delicado nas relações entre os dois países, na esteira da revolta da Armada.

⁷ Assim na *Gazeta*. Aurélio junta um ponto de interrogação, e parece que a evidência está do seu lado, pois se trata de uma pergunta. Entretanto, pode ser facultativo esse ponto, pois a gramática do português admite que se não use o ponto de interrogação numa pergunta; trata-se da chamada “interrogação indireta”. Sobre isso, diz a *Gramática* de Evanildo Bechara: “A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação.” (*Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 607). A verdade é que nunca saberemos qual a opinião de Machado (que às vezes é menos “lógico” e formal que Aurélio), nem podemos julgar a competência dos compositores, mas, na dúvida, decidimos manter a leitura do jornal.

inventivas, entraram a padecer de vocação religiosa, queriam ser freiras. Como nesse tempo havia mais religião que hoje, ninguém podia ir contra a voz do céu, e as nossas patricias saíam a rasgar “as salsas ondas do oceano”,⁸ como então se dizia do mar, até desembarcar em Lisboa.

O governo ficou aterrado. Tal emigração despovoava a mais rica das suas colônias. Cogitou longamente, e expediu o alvará de 10 de março de 1732 “proibindo a ida das mulheres do Brasil para Portugal, com o pretexto de ser freiras”.⁹ O pensamento do alvará era só político; mas teve também um efeito literário, conservando neste país uma das avós do meu leitor. Não bastando a proibição escrita, o alvará estabeleceu que fossem castigados os portadores de tão gracioso contrabando. Eis os seus termos: “O capitão ou mestre do navio pagará por cada mulher que trouxer 2.000 cruzados, pagos da cadeia, onde ficará por tempo de dois meses.”

Dois meses de prisão e dois mil cruzados de multa; eram duros; cessou o transporte. Nesse ato do governo da metrópole, o que mais me penetra a alma, é a frase: *pagos da cadeia*. Quem seria o oficial de secretaria que achou tal frase, se é que não era algum chavão de leis? Nasceu para escritor, com certeza. Busquem-me aí outra mais simples, mais forte e mais elegante. Os governos modernos têm a linguagem frouxa, derramada, vaga principalmente, cheia de atenções e liberalismo. Qualquer lei moderna mais ou menos diria assim: “O capitão ou mestre do¹⁰ navio, logo que se verifique o delito de que trata o artigo tal, ficará incurso na pena de dois meses e na multa de oitocentos mil-réis por cada mulher que transportar, sendo a multa recolhida ao tesouro, etc.” Comparai isto com a rudeza e concisão do alvará: *pagos da cadeia*. Quer dizer: primeiro é pegado o sujeito e metido na prisão, aí entrega os milhares de cruzados da multa, e depois fica ainda uns dois meses sossegado. Pagos da cadeia!



⁸ É quase uma citação de *Os Lusíadas*, canto III, estrofe 6, v. 5-8: “(...) Jaz a soberba Europa, a quem rodeia, / Pela parte do Arcturo e do Ocidente, / Com suas salsas ondas o Oceano, / E, pela Austral, o Mar Mediterrâneo.”

⁹ Este alvará pode ser consultado por completo no *site*: <http://www.governodosoutros.ics.ul.pt/?menu=consulta&id_partes=114&id_normas=37946&acao=ver>. Quando cita o texto, Machado muda-o para simplificar e esclarecer – o original, por exemplo, reza: “sendo a principal causa desta falta [do aumento da povoação] o grande excesso, que há em virem para este Reino [isto é, Portugal] muitas mulheres com o pretexto de serem Religiosas, violentadas por seus pais, ou mães, constringendo-lhes as vontades”.

¹⁰ Assim na *Gazeta*. Aurélio tem “de”.